



ANÁLISE DE TURISTAS BRASILEIROS(AS) VÍTIMAS DE RACISMO

ANA CAROLINA PEDRA ROSA¹;
LOUISE PRADO ALFONSO²

¹ Universidade Federal de Pelotas – anapedra.turismo@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intuito fazer uma análise dos(as) turistas brasileiros(as) negros(as) que foram alvos de preconceito racial durante alguma viagem, a partir de uma pesquisa quali-quantitativa, coletando dados por entrevistas. A pesquisa faz parte do trabalho de conclusão de curso que está em andamento no Curso Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas, intitulado “Análise de turistas Brasileiros(as) vítimas de racismo”.

Segundo uma pesquisa realizada pelo DataFolha, nos dias 18 e 19 de dezembro de 2018, 55% das(os) brasileiras(os), no geral, já foram vítimas de preconceito racial. No turismo, são escassos resumos expandidos, artigos, teses ou livros que tratam sobre esse assunto. Fazem-se necessários estudos aprofundados e sistemáticos sobre o tema, pois se trata de uma temática bastante delicada e crucial, que a sociedade não pode mais fingir que não existe, o racismo está presente em qualquer lugar, podendo ocorrer há qualquer momento, com qualquer pessoa negra.

Segundo ALMEIDA (2019) o preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode, ou não, resultar em práticas discriminatórias.

Considerando que o racismo pode ser evidenciado durante as viagens de pessoas negras, foi criado um aplicativo de hospedagem chamado *Diaspora.Black* voltado para a população negra. Este criado por dois negros que foram intimidados durante suas viagens, quando solicitavam hospedagem. A ideia é que as pessoas negras possam se sentir seguras de que irão receber um atendimento respeitoso. No site, possui uma breve apresentação do app, onde diz que

a Diaspora.Black nasceu pra derrubar barreiras que o racismo cria e recria todos os dias. Nós acreditamos que conhecimento e vivência são poderosas armas de combate ao racismo e ferramenta para criação de pontes entre pessoas e culturas.

Somos uma rede global de pessoas que amam a cultura negra e buscam viver experiências autênticas e inesquecíveis. Somos elos de uma comunidade que tem, agora, uma nova conexão para nos aproximar da nossa história, nossa essência, nossa riqueza através de hospedagens, experiências (presenciais e online) e eventos.

Usamos a tecnologia para promover soluções de impacto social e a venda do turismo e cultura negra.

Quando a pessoa se desloca para um destino, o mínimo que ela espera é receber um bom atendimento, ser bem acolhida, porém muitas vezes isto não é ofertado a pessoas negras. No Brasil, principalmente, as pessoas negras ainda são alvo da



espetacularização do turismo, o corpo negro é chamarisco para turistas, o povo é visto como exótico e sexualizado. (SILVA; ROSEMBERG, 2008, p. 83 **apud Junior; Hintze, 2012, p. 9)**

O marketing no turismo é um fator que influencia muito o setor, ele constantemente reforça estereótipos. Se, como foi dito acima, a imagem das pessoas negras é negativa, se o marketing turístico não for pensado de forma crítica, pode fortalecer esta imagem exotizante das pessoas negras, favorecendo o racismo e a sexualização, ambos vinculados à imagem do Brasil.

O brasileiro insiste em dizer que existe democracia racial, tornando harmoniosa a relação entre pessoas brancas, indígenas e negras, porém isso não existe, trata-se de uma construção que invisibiliza o racismo e as diferenças. O racismo é um problema mundial, mas no Brasil por ser tratado como inexistente, isso se acentua. O turismo reproduz este racismo que é estrutural de diferentes maneiras, dentre elas na forma como apresenta as pessoas negras nas propagandas. (Valente, 1994).

Como dito na própria constituição, o direito de lazer é um direito para todas as pessoas, independentemente da cor ou classe social. Destaca-se o capítulo II dos Direitos Sociais “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.” (BRASIL, 2015, Art 6).

Considerando o direito ao lazer, também entendendo que o racismo existe dentro e fora do país, esta pesquisa inicial pretendeu entender como o racismo aparece em falas de pessoas negras brasileiras viajantes.

2. METODOLOGIA

A coleta de dados foi realizada através da pesquisa quali-quantitativa. A modalidade de pesquisa quali-quantitativa “interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos sujeitos (semântica)” (KNECHTEL, 2014, p. 106). Tanto a pesquisa qualitativa, quanto a quantitativa têm por preocupação o ponto de vista do indivíduo: a primeira considera a proximidade do sujeito, por exemplo, por meio da entrevista; na segunda, essa proximidade é medida por meio de materiais e métodos empíricos (KNECHTEL, 2014).

A pesquisa requer uma revisão bibliográfica, seguida de levantamento de dados e, por último, a análise dos dados. As entrevistas foram realizadas com pessoas do grupo da Universidade Federal de Pelotas, da rede social Facebook. Ao total foram 5 pessoas que se disponibilizaram para relatar os ataques racistas, mas apenas 3 realmente conversaram comigo. A conversa foi aberta, não teve perguntas fechadas, apenas deixei com que o entrevistado se sentisse a vontade para contar o relato. Os participantes serão identificados por letras para garantir uma caráter anônimo para esta pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados a seguir são uma amostra da pesquisa, por ela ainda estar em andamento.



Os entrevistados tinham entre 23 e 53 anos, sendo que dois estavam com a graduação em andamento (Medicina e Filosofia) e um aposentado pelo Exército. Inicialmente eles se apresentaram falando idade, profissão e cidade natal. Logo após relataram o que havia acontecido com eles.

O participante **A** relatou que sofreu racismo em um táxi na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, “[...] quando chegamos no destino pararam quatro taxis na volta do meu taxi, um na frente, outro atrás, e um de cada lado, quando fui pagar a corrida, ouvi o taxista dizer, “não era” [...] Ou seja, o taxista achou que era um assaltante e avisou os outros para esperarem no destino final.

O participante **B** estava em Salvador, hospedado em um hotel de luxo, e relatou que estava sentado na frente do hotel esperando uma amiga e foi abordado por policiais

“[...] tinha muita gente próximo ao hotel, para se hospedar, porém essas pessoas tinham características ou elas estavam mais próximas de um padrão holandês, branco meio europeu. A maioria das pessoas eram de outros países, com características europeias. [...]”. (EA, 2020)

Os policiais abordaram apenas o entrevistado **B**, por não conter as mesmas características das outras pessoas. Ele também fala que “[...] e a polícia me abordou por conta de uma denúncia de tráfico de drogas, e mesmo antes da abordagem falei que estava hospedado no hotel e mesmo assim me revistaram na frente de todo mundo [...]”.

O entrevistado **C** contou que já foi confundido com um carregador de malas, após chegar de viagem.

“[...] O Uber colocou as malas no porta-malas e disse: - Deixa que eu coloco as outras nos bancos de trás. Certo! Meu ex-sogro já havia ido no banco da frente e ele colocou as malas nos dois últimos assentos. Não tinha espaço para mim! O motorista pensava que eu era um carregador de malas ou algo do tipo. [...]”

E também relatou que uma vez foi ao supermercado com o irmão pequeno e foi perseguido por seguranças durante a sua permanência no mercado. “[...] Eu olhei atentamente para o lado e o segurança estava há três metros da gente, com os braços cruzados e olhando para nós. Ele nem disfarçava. Peguei um chocolate de uns 30 reais, por aí, comprei e fui embora. [...]”

A partir dos relatos citados acima, é possível observar que todos sofreram racismo, em decorrência do estrutural.

o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de



uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição.”

Todos foram julgados por não conterem as características “padrões” que são impostas pela sociedade para turistas. Independentemente de estar hospedado em hotel de luxo, ir ao mercado e comprar o chocolate mais caro ou pegar um táxi bem arrumado, ser uma pessoa negra é estar exposta a qualquer ataque racista, em qualquer lugar do mundo.

Esses relatos demonstram que o racismo está visivelmente presente no turismo e, que o lazer, ainda é um privilégio branco. Os negros são invisíveis dentro do mercado turístico, seja como viajantes ou até mesmo profissionais. Apenas aparece quando exotizado nos materiais publicitários. O Turismo possui uma longa caminhada até repensar o seu papel antirracista, até as pessoas negras conseguirem adquirir o direito de ir e vir sem serem atacadas por causa da cor de pele.

No Brasil o racismo é estrutural, vivemos em uma sociedade que o racismo está presente no cotidiano das pessoas e enquanto as instituições não tratarem isso como problema, o racismo será reproduzido como práticas naturalizadas do nosso dia a dia.

4. CONCLUSÕES

O presente trabalho ainda não possui considerações finais por ser um trabalho de conclusão de curso ainda em andamento, como citado no início do trabalho. Mas, a partir dessa abordagem inicial, foi possível analisar através dos relatos citados que os turistas negros são tratados de forma invisível enquanto turistas, mas visíveis enquanto “produto”. Será que todas as pessoas quando turistas tem os mesmos direitos? Recebem bom atendimento, uma boa hospedagem, desfrutam o destino visitado sem serem alvos de discriminação ou, até mesmo, espetacularização?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

Ex.: JENNINGS, P.B. **The practice of large animal surgery**. Philadelphia: Saunders, 1985. 2v.

LOHMANN, Guilherme; PANOSSO NETTO, Alexandre. **Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas**. São Paulo: Aleph, 2012.

STHEPANIE, Amanda. **Diaspora.Black: turismo que combate o preconceito racial**. 2019. Disponível em: <https://todosnegrosdomundo.com.br/diaspora-black-turismo-que-combate-o-preconceito-racial/>. Acesso em: 27 de setembro de 2020.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.